

JANAINA BERNARDES

**AUTONOMIA E RELAÇÕES DE TRABALHO NA COMUNIDADE
SÃO RAIMUNDO - AMAZONAS**

CELACC/ECA-USP

2014

JANAINA BERNARDES

**AUTONOMIA E RELAÇÕES DE TRABALHO NA COMUNIDADE
SÃO RAIMUNDO – AMAZONAS**

Trabalho de conclusão do curso de
pós-graduação em Mídia, Informação e
Cultura, produzido sob orientação do
Prof. Vinícius Souza

CELACC/ECA-USP

2014

SUMÁRIO

Resumo	iii
1. Crises na agricultura e as práticas alternativas	01
2. História da borracha no Brasil	03
2. 1. Reserva Extrativista do Médio Juruá	05
2. 2. A comunidade São Raimundo	06
3. As mulheres da floresta e o caso da comunidade São Raimundo	08
3.1 Trabalho e relações de gênero	10
3.2 Autonomia	12
4. Considerações finais	14
Referências Bibliográficas	15

Resumo

O presente artigo busca investigar o papel da mulher da comunidade de São Raimundo – Reserva Extrativista do Médio Juruá – Amazonas, na construção da autonomia do seringueiro e a forma pela qual ela esboça sua própria autonomia neste processo. Com base em pesquisa de campo serão analisadas suas atividades cotidianas e suas relações de trabalho com o homem.

Palavras-chave: seringueiro, gênero, autonomia, mulher

Resumen

El presente artículo investiga el papel de la mujer en la comunidad de São Raimundo - Reserva Extractiva Juruá Este - Amazonas, en la construcción de la autonomía de los sirringueros y la forma en que se describe su propia autonomía en este proceso. Basado en la investigación de campo, analizará sus actividades diarias y su relación de trabajo con el hombre.

Palabras clave: sirringuero, género, autonomía, mujer

Abstract

This article investigates the role of women in the community of São Raimundo - Extractive Reserve Juruá East - Amazonas, in the construction of the autonomy of the rubber tappers and the way in which they outline their own autonomy in this process. Based on field research, the article will analyze their daily activities and their working relationship with the man.

Keywords: tapper, gender, autonomy, woman

AUTONOMIA E RELAÇÕES DE TRABALHO NA COMUNIDADE SÃO RAIMUNDO - AM

Janaina Bernardes¹

1. Crises na agricultura e as práticas alternativas

Ao longo da história, as agriculturas do mundo sempre sofreram crises decorrentes de grandes desequilíbrios entre oferta e demanda. Durante os períodos em que a produção rentável não ia bem, os agricultores eram levados a procurar métodos alternativos de produção. Como demonstrou a pesquisadora inglesa Joan THIRSK (1997) este padrão cíclico de prosperidade e depressão remonta à Idade Média, com crises como a da peste negra, no século XIV e a da batata na Europa do século XIX. Para ela, a inovação agrícola sempre veio e continuará vindo das periferias da sociedade. As iniciativas de cultivos menores e diversificados foram persistentemente encabeçados pelas mulheres, em contraponto à produção em larga escala administrada pelos homens. As experiências adquiridas durante os períodos de crise eram incorporadas às fases seguintes, consolidando conhecimentos de produção alternativa e tecnologia agrícola (THIRSK, 1997).

Este artigo busca, a partir de pesquisa na comunidade de seringueiros de São Raimundo, situada na Reserva Extrativista do Médio Juruá (RESEX) no estado do Amazonas, investigar o papel da mulher na construção da autonomia do homem seringueiro e de que maneira ela esboça sua própria autonomia nesse processo. Para isso, serão analisadas suas atividades cotidianas e suas responsabilidades de produção dentro da estrutura de subsistência encontrada na comunidade.

Entre os anos de 2010 e 2012, foram realizadas quatro visitas, de aproximadamente três semanas cada, buscando contemplar os diferentes períodos da natureza que regem as atividades e práticas dos moradores. A partir de relatos

¹ Janaina Bernardes é bacharel em Produção Audiovisual pela Universidade Federal de São Carlos , pós-graduando em Mídia Informação e Cultura pelo CELACC/ECA-USP.

coletados, observação participante e entrevistas semi-estruturadas realizadas com os moradores durante o processo de produção de um documentário sobre patrimônio imaterial para o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na comunidade de São Raimundo, serão analisadas as relações de poder e trabalho que aparecem no cotidiano das moradoras da comunidade.

Além dos relatos dos próprios moradores, em especial das mulheres, serão consideradas as percepções da própria pesquisadora acerca das relações de poder que se estabelecem ao longo da história desta população, no ambiente que habitam e na vivência do cotidiano, onde são consideradas as responsabilidades de produção dentro das famílias e na comunidade.

O discurso ambientalista moderno, que na década de 70 atribuía à mulher uma maior associação à natureza e à preservação do meio ambiente, reproduz a ideologia de dominação que entende a mulher como ente passivo e o homem como agente transformador. Para Fiúza é perigoso

atribuir a recuperação do meio ambiente à mulher, menosprezando as múltiplas razões da crise ambientalista, perpetuando-se assim, uma ideologia de gênero inócua. Igualar interesses da mulher às questões ambientais, tendo por base o caráter tradicional das obrigações cotidianas que a subordinam à natureza, também pode significar naturalização do seu atual papel e da sua sobrecarga de trabalho. (FIÚZA, 1997, p. 179)

O estudo de Ellen WOORTMAN (1998) mostra que nos seringais do Acre, as atividades da mulher implicam na transformação da natureza – o pequeno e médio cultivo ao redor da casa e a domesticação de animais – ao passo que a atividade principal do homem é de cunho extrativista, dependente da preservação ambiental. Esta constatação possibilita desconstruir o senso comum que atribui à mulher o papel da conservação e ao homem o da transformação e também pode ser verificada na comunidade de São Raimundo.

A hipótese deste artigo é que essa aparente inversão dos papéis tradicionalmente vinculados aos gêneros, embora aponte para um maior equilíbrio nas relações entre homem e mulher, está longe de significar igualdade no plano simbólico. Esta elaboração vai de encontro ao entendimento da historiadora Joan SCOTT de que “gênero” não se define por características intrínsecas, já que “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21).

2. História da borracha no Brasil

A extração de látex na Amazônia, no chamado “Primeiro Ciclo da Borracha”, era atividade essencialmente masculina. O início da utilização da borracha pela grande indústria integrou a Amazônia aos mercados internacionais, e sua valorização levou à migração de um enorme contingente oriundo principalmente do nordeste brasileiro, fugindo da seca e em busca de fortuna (WOLFF, 2011).

Os migrantes, em sua absoluta maioria, eram homens solteiros que se dispunham a enfrentar as adversidades da floresta para ganhar dinheiro e posteriormente voltar para suas terras. O seringueiro era levado às “colocações”, postos de extração de látex afastados da sede do seringal, que se resumiam a um precário abrigo que servia de morada ao seringueiro e ao beneficiamento da borracha. Não era permitido o cultivo de lavoura para subsistência e tanto mantimentos quanto ferramentas e utensílios necessários à extração do látex eram necessariamente adquiridos no barracão do seringal. A borracha produzida era convertida em crédito que era usado para essas compras, numa relação sempre desvantajosa para o trabalhador, que se endividava, ficando impedido de sair do seringal enquanto não quitasse o débito.

Esse sistema baseado na dívida era o principal mecanismo que garantia ao seringalista² a permanência do seringueiro trabalhando em suas terras. Ainda que produzissem borracha o bastante para pagar suas dívidas, o patrão se recusava a pagar o que lhe era devido. Aqueles que se revoltavam ou que tentavam fugir eram reprimidos e, não raro, mortos por jagunços armados (WOLFF, 2011). No período entre 1910 e 1930, com a entrada da borracha asiática no mercado, a guerra na Europa e a crise de 1929, a economia da borracha na Amazônia entra em colapso, levando ao deslocamento da mão de obra para outras regiões da floresta em busca de alternativas de trabalho. Uma das estratégias adotadas pelos seringalistas para conter a evasão de trabalhadores foi a de permitir a entrada de mulheres nos seringais. No Museu da Borracha encontra-se documentação em que as mulheres

“figuravam nas listas de mercadorias de seringais, como parte dos

² Seringalista era o gerente do seringal - terras particulares onde os seringueiros não tinham qualquer autonomia sobre sua produção e viviam sem a proteção das leis trabalhistas.

pedidos feitos a Manaus e Belém. Ao encomendar uma mulher, o seringueiro aumentava sua dívida, já que arcava com as despesas de viagem e com as despesas de consumo da futura família.” (WOORTMAN, 1996, p. 17)

A presença da mulher nos seringais trouxe o desenvolvimento de novas formas de organização das atividades cotidianas. Num primeiro momento se incumbindo da coleta e beneficiamento da castanha, cuidando da lavoura (nas colocações em que esta era permitida), fabricando galochas, transformando latas em painéis ou lamparinas, sacaria em roupas, confeccionando bolas de borracha. A chegada da mulher faz surgir o que Woortman chama de “tempo de família” (WOORTMAN, 1996, p. 24), que possibilita a substituição gradativa do que antes era comprado por materiais disponíveis na própria colocação. Esse processo, em última instância, apontava para uma maior autonomia do núcleo familiar frente ao seringalista, na medida em que o trabalho da mulher diminuía a dependência dos insumos fornecidos no barracão.

Com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial em 1941, foram feitos os Acordos de Washington que previam apoio estratégico do Brasil e demais países das Américas às Forças Aliadas. Destes acordos criou-se um órgão brasileiro chamado Serviço Especial da Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – SEMTA com a finalidade de alistar compulsoriamente, treinar e transportar nordestinos para a Amazônia a fim de extrair borracha para os aliados na Guerra. Estes foram os chamados Soldados da Borracha que ao invés de lutar na Itália ao lado dos aliados, emigraram para a floresta.

Desta vez, o Segundo Ciclo, de 1942 a 1945, surge justamente por causa da dominação, pelos japoneses, do sudeste asiático durante a Segunda Guerra, onde assumiram controle de quase toda a produção mundial de borracha. Para suprir as Forças Aliadas com a matéria-prima tão necessária aos aparatos de guerra, o governo de Getúlio Vargas, com apoio financeiro do governo dos Estados Unidos, ativou uma operação em larga escala de extração de látex na Amazônia. O SEMTA foi instalado em Fortaleza e, com o alistamento dos nordestinos, Vargas conseguiu também minimizar os efeitos da crise gerada pela seca de 1942 que havia destruído a safra dos pequenos agricultores.

O Ceará foi escolhido como central da operação por este motivo e também pelo fato de um grande número de cearenses ter migrado para a Amazônia ainda no Primeiro Ciclo da Borracha. O SEMTA enviou aproximadamente 60 mil pessoas

para trabalhar na extração do látex. Com o fim da Segunda Guerra, em 1945, e conseqüente extinção do SEMTA essas pessoas foram abandonadas à própria sorte. O governo não cumpriu as promessas de reconduzi-los à terra de origem com aposentadoria igual a dos militares. O povo de São Raimundo é descendente destes cearenses que migraram para a Amazônia no Primeiro e no Segundo Ciclo da Borracha e lá ficaram.

2. 1. Reserva Extrativista do Médio Juruá

No começo dos anos 1990, em resposta à pressão de ONGs e à situação crítica dos seringueiros na Amazônia, amplificada pelo assassinato de seu líder, Chico Mendes, no final de 1988, o governo brasileiro deflagra um programa emergencial que cria as primeiras reservas extrativistas da Amazônia (HOMMA, 1993).

O rio Juruá tem sua nascente na serra da Cantamana no Peru e atravessa o estado do Acre desembocando na confluência com o rio Solimões no Amazonas. A região é caracterizada por uma sazonalidade muito marcante com duas estações bastante distintas. De junho a outubro a estação seca, localmente chamada de verão e de novembro a maio a estação chuvosa, localmente chamada de inverno. A variação do nível do rio pode chegar a 15 metros entre as duas estações.

A sazonalidade da região atrelada a essa variação dos níveis dos cursos d' água exerce forte influência nas atividades socioeconômicas das comunidades estudadas, dentre elas o acesso à sede municipal, escoamento de produção e acesso a alimentos, como peixes e açaí. (BERNARDES, 2014, p. 53).

O verão amazônico é a ideal para o extrativismo e a agricultura de várzea e é também quando o rio, em alguns pontos, se torna inavegável. O inverno, de junho a novembro, é marcado pela subida das águas do rio, transbordando o seu leito e alagando as áreas marginais, provocando a expansão dos ambientes aquáticos, período que possibilita a construção de canoas, o extrativismo e também a agricultura em terra firme.

Em 4 de março de 1997 foi criada, por decreto, a RESEX do Médio Juruá no município de Carauari, Estado do Amazonas, com o objetivo de garantir a exploração auto-sustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis

tradicionalmente utilizados pela população extrativista local. A RESEX do Médio Juruá abriga hoje 8 comunidades espalhadas em uma área de 251.577,13 ha., correspondente à 9,76% da área do município de Carauari (sede municipal), com população aproximada de 25.774 habitantes segundo o Censo populacional do IBGE (2010). Para a criação da Reserva, as áreas particulares foram incorporadas ao Patrimônio Público da União e outorgadas, mediante Contrato de Concessão de Direito Real de Uso, à população com tradição extrativista e inclui um Plano de Utilização, aprovado pelo IBAMA, hoje Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Este plano é o instrumento administrativo para provar que a utilização dos recursos naturais será auto-sustentável, não prejudicará o meio ambiente e respeitará a legislação ambiental vigente.

2. 2. A comunidade São Raimundo

A comunidade de São Raimundo, foco desta análise, existe há nove anos e foi erguida em terra firme, às margens de um igapó³ do rio Juruá já depois de criada a RESEX do Médio Juruá e principalmente por causa dela. Os atuais habitantes da comunidade moravam então no Mandioca, comunidade situada fora da área compreendida pela reserva em um seringal particular. Sabendo da criação da reserva e dos princípios que a regem, como sustentabilidade e o direito real de uso, os moradores do Mandioca decidiram organizar sua mudança para um local dentro da reserva. Alguns homens fizeram as primeiras expedições para a área da futura comunidade. Estavam em busca de terra firme uma vez que não queriam mais morar na várzea, sujeita às cheias, como era o local do Mandioca. Foram aproximadamente dois anos de preparação para a mudança, o que incluiu a abertura de várias estradas de seringa⁴ na mata (as árvores usadas na extração do látex nesta região são nativas e por isso espalhadas pela mata), a preparação do solo e plantação da mandioca, a construção das casas de farinha. Como a população vive quase que exclusivamente

³ Áreas de vegetação alagada - "Igapó" é um termo oriundo da língua tupi e significa "raiz de água", através da junção dos termos 'y' ("água") e *apó* ("raiz").

⁴ São caminhos abertos na mata que passam por várias seringueiras e que configuram o espaço de extração de cada seringueiro. As estradas começam e terminam em um ponto (fecho) o que permite o seringueiro começar a sangrar, fazer uma pausa no fecho da estrada e retomar o trabalho recolhendo o leite pelo mesmo caminho.

daquilo que produz, era preciso que o local novo já se encontrasse produtivo na época da transferência das famílias para lá.

Com o suporte do INCRA, foram construídas em São Raimundo as casas que hoje abrigam as 21 famílias (126 habitantes) que lá residem. A população da comunidade vive basicamente do agroextrativismo, composto principalmente pela colheita do látex e cultivo da mandioca. Cada família tem sua produção própria, mas a comercialização é feita em conjunto e é desta venda que vem seu principal recurso financeiro para comprar o que não podem produzir, como açúcar, café, óleo, sabão, diesel, que são os principais produtos ali comercializados na cantina comunitária. A comunidade produz farinha de mandioca para consumo próprio e vende o restante na cidade mais próxima ou envia para familiares longe da comunidade. A alimentação é composta principalmente do peixe e da farinha e no inverno também do açaí, que é extraído diariamente e processado para consumo imediato.

Com água em abundância no inverno, as tarefas diárias como lavar roupa e louça e tratar o peixe são mais simples pois a água alcança maior proximidade das casas - o que facilita também o transporte, uma vez que os rios e igapós estão mais fundos e próprios para navegação. Assim, a comunidade pode ser sempre abastecida com produtos vindos da cidade. No verão, a baixa das águas dificulta enormemente a navegação e o acesso às comunidades, sendo que muitas ficam isoladas até o novo período de cheias, por volta do mês de novembro. Distante aproximadamente 12 horas de barco de Imperatriz, a comunidade segue rio abaixo, e 48 horas de Carauari, centro urbano mais próximo, a população segue organização rígida no consumo de combustível e outros bens escassos. Com mobilização comunitária, a população de São Raimundo luta contra as dificuldades nas instâncias mais básicas de sobrevivência como acesso a mantimentos, combustível e saúde.

A comunidade de São Raimundo está relativamente isolada no que tange à assistência básica, como saúde, educação e saneamento. No entanto, organizações como Associação dos Produtores Rurais de Carauari (ASPROC) e Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), tem garantido a representação da população ribeirinha nas políticas e projetos de desenvolvimento para a região. Esta representatividade garante informação e participação aos comunitários e seu envolvimento atuante nas negociações de suas mercadorias. Os moradores estão sempre informados sobre os preços praticados, a quantidade de látex, óleo de castanha, farinha de mandioca produzida na região.

Além dos fatores do meio e de circunstâncias sociais e históricas, são elementos constitutivos da cultura local incorporações da cultura indígena e cearense. Como um hibridismo cultural, no sentido de Hall (2006 p. 71), em que o “hibridismo não é uma referência à composição racial mista de uma população. É realmente outro termo para a lógica cultural da tradução”, o povo da floresta se formou pela tradução das culturas com as quais se deparou ao longo de seu percurso no espaço e tempo. Os moradores de São Raimundo, sua maioria descendente de cearenses de Crato, região do Cariri, formaram-se seringueiros ainda em grandes seringais dominados por um patrão. São homens e mulheres que viveram a infância e parte da vida adulta nestes seringais — ou são filhos ou netos destes. Sua relação com a floresta se deu no interior de uma situação social de dominação e dependência onde os seringalistas ditavam o padrão de exploração dos recursos naturais.

3. As mulheres da floresta e o caso da comunidade São Raimundo

THIRSK (1997) observou que durante os períodos de crise a mulher tomava a frente da produção alternativa e crescia sua importância na manutenção da vida familiar ao garantir uma produção de subsistência ao redor da casa, prática tradicionalmente já associada à mulher, além de diversificar esta produção trazendo possibilidade de comercializar o excedente contribuindo de forma efetiva para a renda familiar. Nestes períodos de crise agrícola, a mulher é protagonista na administração da vida doméstica criando meios alternativos de renda como o artesanato, a produção caseira de queijo, pães, sabão, farinha para o pequeno comércio, o cultivo de fumo e criação de aves que garantem o abastecimento interno e também alimentam o comércio local. A busca por alternativas em períodos de escassez tem sido amplamente associada à mulher, mais adaptada à produção diversificada e alternativa que sempre desempenha. Thirsk aponta que, apesar disto, o homem incorpora as inovações engendradas pelas mulheres, assumindo o controle e apropriando-se de seu protagonismo.

Os debates sobre a sustentabilidade da região amazônica levantaram a questão do papel das mulheres nos processos de desenvolvimento e melhor aproveitamento dos recursos naturais. Aqui pode-se estabelecer um paralelo com o estudo de THIRSK (1997), considerando contudo que as dificuldades no contexto

amazônico nem sempre são produto de uma crise pontual, mas consequência das características peculiares daquele meio ambiente.

As condições de vida oferecidas e impostas pelo meio onde se insere a comunidade de São Raimundo moldam os hábitos, a organização comunitária e a forma como o indivíduo entende o mundo. O isolamento físico da comunidade e a tarefa diária de produção de subsistência tornam os comunitários extremamente cuidadosos com tudo o que é material e gênero alimentício. Em São Raimundo identificou-se estrutura semelhante à apontada por THIRSK (1997); as mulheres das famílias são as responsáveis por iniciar e manter os pequenos cultivos ao redor da casa, como pequenos canteiros de melancia, abacaxi, tabaco, abóbora, temperos e ervas medicinais, além da domesticação de pequenos animais como patos, porcos e galinhas. Além do cultivo, as mulheres dominam técnicas de armazenamento que garantem a durabilidade dos produtos, mantendo por mais tempo a farinha de mandioca, o peixe, o tabaco, a gordura do tracajá⁵. Paralelo ao cultivo ao redor da casa e o domínio da economia doméstica, as mulheres tem a tarefa de cozinhar, limpar a casa, lavar a roupa e a louça da família e cuidar dos filhos.

O cultivo da mandioca nos roçados também é tarefa da mulher, que a realiza em parceria com o marido e filhos (meninos e meninas) mais velhos, quando os tem. Em especial no período do corte da seringueira, quando a presença dos homens no roçado é diminuída, as mulheres ficam sobrecarregadas com esta tarefa. O processo de produção da farinha nas casas de mandioca também é encabeçado pelas mulheres, onde contam com a ajuda mútua de suas vizinhas comunitárias. Como conta Dulcinéia, uma das lideranças da comunidade, o trabalho no roçado muitas vezes é realizado somente pela mulher, dependendo de sua formação familiar.

É assim. Eu vou pro roçado mais meus menino, que já são crescido, que o Manoel (esposo, presidente do CNS) tá sempre pra Manaus, na luta dele. A gente faz tudo lá, broca, queima, encoivara. Mas eu que tenho menino grande não sofro mais tanto porque eles me ajudam muito, já são homem feito, mas eu já cuidei de roçado todo sozinha, na luta, mana, quando os menino era tudo mais pequeno. (Dulcinéia, entrevista concedida em 23/11/2011)

É importante notar, a partir do relato de Dulcinéia, que as relações entre os homens e mulheres da comunidade não podem ser vistas descoladas de suas

⁵ Espécie de quelônio dulcícola de tom negro azulado com manchas amarelas, muito comum nas águas do Rio Juruá. Vive em muitas bacias hidrográficas do norte da América do Sul, entre elas a do Orinoco(Venezuela) e do Amazonas.

múltiplas condições sociais. Casais mais novos ou com filhos pequenos, contam mais com o apoio um do outro nas tarefas de produção, no entanto, nas atividades cotidianas domésticas como lavar roupa e louça e cozinhar, a mulher conta mais com o apoio das outras mulheres. Enquanto a mulher realiza atividades tradicionalmente masculinas não só para ajudar o pai ou marido, mas também quando é necessário incremento de mão de obra, o mesmo não acontece com o marido quando a mulher necessita de ajuda e está sobrecarregada com as atividades domésticas.

3.1 Trabalho e relações de gênero

Em sua pesquisa nos seringais do Acre, Ellen WOORTMANN (1998) identifica que o aumento de espaço produtivo, com a liberação do pequeno cultivo dentro dos antigos seringais, não significa aumento de poder feminino, esclarecendo que as concepções acerca do papel da mulher nas comunidades da floresta são mais complexas do que a tradicional identificação da mulher com a natureza leva a crer. Observa-se em São Raimundo que a mulher está muito mais ligada à agricultura do que o homem, uma vez que as principais atividades do homem estão mais relacionadas à floresta. Os homens da comunidade realizam as principais atividades extrativistas como o corte da seringueira, a colheita do açaí além da pesca e caça. No entanto também tomam parte no cultivo da mandioca e produção da farinha e na construção de canoas.

A divisão do trabalho em São Raimundo, assim como em outras colocações e momentos históricos, parece desconstruir os papéis que a tradição atribui aos gêneros. A mulher, historicamente associada à conservação, à passividade, é um agente de transformação; está inserida no plano da cultura, tradicionalmente associado ao universo masculino. O homem, por outro lado, insere-se em um espaço de conservação.

O corte da seringueira, atividade de maior retorno financeiro na comunidade, é exercida pelos homens e entendida como uma atividade exclusivamente masculina, diferentemente do roçado de mandioca, onde a parceria entre homens e mulheres é mais clara e aceita. No entanto, muitas mulheres da comunidade já tiveram sua experiência como seringueiras. Como contam D. Noêmia e D. Maria, elas cortavam seringa não só para ajudar os homens em tempos de doença ou no caso de não haver

força masculina suficiente, mas também encabeçando sua própria estrada.

Eu já cortei muita seringa nessa vida. Antes de eu casar mais o Joaquim. O meu pai caiu doente com um problema na perna. Nois era as menina-mulher tudo mais velha e os menino-homem era miudinho. Aí que eu ia pra estrada do meu pai mais minha irmã. Depois eu tinha uma estradinha, mas depois que casei mais o Joaquim eu não cortei mais não. Tivemo um monte de filho pequeno e eu não tinha jeito de ir. (D. Noêmia, entrevista concedida em 25/01/2011)

Isso era antes do Mandioca, que eu tinha minha estradinha. O Simões (esposo) que abriu pra mim, era pra cima do Xibauá que nois morava. Mas era uma estradinha assim bem pequena, mas eu sempre gostei de cortar. Quando eu era pequena eu já sempre pedia pra cortar seringa mais os menino. E eu cortei muita seringa... mas não era estrada boa assim não. Eu safa bem de noitinha mais o Simões. Ele preparava minha faquinha e a poronga. Eu preparava a merenda. (D. Maria, entrevista concedida em 22/01/2012)

Observou-se em São Raimundo que em momentos nos quais é dado espaço à mulher para exercer uma atividade “masculina”, ela se dá com recursos inferiores – ferramentas velhas, estradas de seringa esgotadas e menos produtivas – e menos autonomia. O mesmo acontece com a pesca, que a mulher realiza próximo à comunidade e com utensílios mais simples enquanto o homem se desloca com motor para áreas mais distante onde pesca com espinhel e pequenas caçoeiras. O acesso à tecnologia é desigual – o que SCOTT (1989, p. 22) chama de “um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos”. A mulher que corta seringa permanece à margem; não tem a possibilidade de alcançar uma grande produção e nem o reconhecimento atribuído a esta atividade.

Irene, filha mais velha de Deusivan, com 13 anos, acompanha o pai na estrada de seringa sempre que ele deixa. “Eu sempre peço pra ele me levar, mas nem sempre ele deixa. *E porque ele não deixa?* Porque eu atrapalho e vou mais devagar que ele.” (Irene, entrevista concedida em 04/02/2012). Rosa, esposa de Caboclo, diz também sempre pedir ao marido que a leve para a estrada:

olha eu já cansei de pedir pra ele me levar mais ele pra estrada, mas não há jeito. Eu já fui uma vez, mas eles ficaram rindo falando que eu era devagar que iam me deixar pra trás [...] tem vez ainda que eu acordo mais eles de noitinha e peço pra ir junto. Fica eu mais o Henrique (filho mais novo) esperando pra ir junto. Aí eles inventa que outra hora nós vai. Eu gosto da mata no escuro, a gente fica assim animada de andar no escuro, o trabalho é mais fresco que lá pro roçado, e a gente vai assim

cantando, conversando na mata...eu gosto muito. (Rosa, entrevista concedida em 10/02/2012)

Muitas mulheres manifestam o desejo de ter uma estrada de seringa para elas ou de cortar junto ao marido ou filhos. Em especial, observou-se que este desejo está associado ao orgulho que nutrem pela identidade de seringueiro, pela independência associada ao trabalho noturno – que sustenta financeiramente a família – pela curiosidade que tem pela floresta e pela técnica do corte da seringueira, realizado sempre na madrugada, na floresta escura. A extração do látex não é somente a atividade com maior retorno financeiro, mas aquela com maior valor simbólico para a comunidade.

Abaixo desta atividade de prestígio estão, no plano simbólico, atividades como o cultivo de mandioca, a pesca e a extração do açaí. Em seguida estão aquelas realizadas quase que exclusivamente pelas mulheres, como os cultivos de verduras, frutas, legumes, patos e galinhas; a coleta de castanhas; a manutenção da casa e mantimentos; a criação dos filhos. Estas atividades que aparecem diminuídas no plano simbólico são justamente as que garantem alternativas de sustento quando o dinheiro não pode comprar o alimento necessário – não há venda de carne ou frango ao alcance fácil, quando cai a força de trabalho na família por doença, quando há escassez de caça e peixe, quando cai a produção do látex e por consequência o dinheiro advindo desta comercialização. Constata-se que o trabalho das mulheres, ainda que em condições materiais adversas, mais do que complementar, subsidia a atividade dos homens.

3.2 Autonomia

A autonomia da comunidade e dos trabalhadores de São Raimundo, conquistada pelo rompimento com as condições dos antigos seringais, estruturada pelo sistema da RESEX do Médio Juruá em conjunto com associações parceiras parece diminuir a tensão nas relações de gênero. Com a mudança para dentro da RESEX do Médio Juruá os moradores deixaram de depender do sistema do barracão e passaram a contar com um sistema de cantina comunitária, de autogestão e portanto livre da lógica de dominação pelo endividamento. Este novo sistema dilui a importância da venda do látex como única fonte de sobrevivência, diminuindo a

dependência da família em relação à atividade exclusiva do homem.

Neste novo contexto, a mulher tem voz ativa. Ela controla e organiza suas próprias atividades e produção, ditando ela mesma seu ritmo de trabalho. A produção encabeçada pela mulher traz também maior autonomia ao homem, na medida em que apresenta alternativas e quebra a exclusividade do látex como fonte principal de recursos.⁶

Embora lhe seja vedado o acesso ao valor simbólico que a extração do látex confere ao homem, a mulher em São Raimundo vive uma experiência de relativa autonomia, sobretudo se cotejada com a alternativa que a cidade lhe oferece:

[...] eu penso ir pra cidade não. Lá eu vou trabalhar de doméstica na casa dos outro, não vou ter o meu cantinho. [...] Aqui, quando tenho vontade de peixe, eu mesma vou procurar ou peço pros menino; quando quero conversá vou procurar as cumadre, vou na casa de farinha ajudar; as vez eu fico quietinha em casa. Se hoje eu não me sinto bem eu me deito um bocado e nem vou pro roçado. Eu cuido da minha roupa mais a Maria José ou a Moça e a gente sempre tem um história pra contá, um conselho pra pedir[...] Aqui a gente se ajuda, sabe? Fica de olho nos filho das outra, vai junto pro roçado. A vida aqui é difícil mas lá deve de sê mais triste.

(Rosa, entrevista concedida em 10/02/2014)

Este depoimento de Rosa exemplifica como a mulher de São Raimundo percebe o valor de sua autonomia vivenciada no cotidiano. Esta consciência talvez não seja vivida por todas as mulheres da comunidade, porém todas gozam de uma liberdade trazida por um amplo e diversificado espaço de atuação, construído gradativamente desde a chegada das primeiras mulheres aos seringais.

⁶ Neste sentido é significativo notar que o Conselho Nacional dos Seringueiros, apesar de manter a sigla (CNS), teve seu nome alterado para Conselho Nacional das Populações Extrativistas.

4. Considerações finais

A ocupação dos seringais sempre foi marcada por um sistema de dominação que se tensionava com a necessidade de autonomia por parte dos seringueiros. Esta autonomia só começou a ser esboçada com a chegada das mulheres aos seringais. A presença delas leva a um incremento gradativo das condições de subsistência, o que diminui a dependência do seringueiro ao sistema do barracão e à dominação que ele representava.

A mudança do modelo tradicional para a estrutura das reservas extrativistas elimina o mecanismo de dominação pela dívida e assim abre espaço para uma maior autonomia das mulheres. A prática de preços mais justos nos insumos comercializados nas cantinas comunitárias somada à ampliação das possibilidades de uso da terra, diminui a necessidade de se conseguir dinheiro – obtido quase que exclusivamente com a venda do látex, atividade masculina por excelência.

O valor simbólico da extração do látex, ou seja, do trabalho do homem, é muito alto na comunidade. Os depoimentos colhidos durante a pesquisa, mostrando a prioridade dada a esta atividade e o desejo das mulheres de exercê-la, atestam isso. Este desequilíbrio na valoração simbólica do trabalho de homens e mulheres, contudo, não corresponde ao cenário real de suas atividades. O que se verifica é que o trabalho exercido pela mulher é fundamental para a manutenção da vida na comunidade ainda que no campo do simbólico o trabalho do homem mantenha sua hegemonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, C. Avaliação integrada de impacto à saúde decorrente de ações de saneamento, em comunidades de unidades de conservação de uso sustentável na Amazônia. 2013. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) - Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-07042014-135015/>> Acesso em: 15/08/2014.

DERECKX, J. No coração da Amazônia: Juruá, o rio que chora. Petrópolis: Vozes, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Censo Demográfico 2010. <http://biblioteca.ibge.gov.br/detalhes.php?id=264529> Acesso em: 15/08/2014.

FIÚZA, A. L. C. Mulher e Ambientalismo, Estudos Sociedade e Agricultura, 9, outubro 1997: 178-189.

Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/brasil/cpda/estudos/nove/fiuzza9.htm>

Acesso em: 14/06/2014

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOMMA, A. K. O. Extrativismo Vegetal Na Amazônia: Limites e Oportunidades, Brasília, DF: EMBRAPA-SPI, 1993

NUGENT, S. Amazon caboclo society: an essay in invisibility and peasant economy. Oxford: Berg, 1993.

SCOTT, J. Gender: a useful category of historical analyses. In: Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila

Disponível em: moodle.stoa.usp.br/mod/resource/view.php?id=39565 Acesso em: 10/06/2014

THIRSK, J. Alternative Agriculture: A History from the Black Death to the Present Day. Oxford: New York, 1997.

WOLFF, C. S. Mulheres da Floresta: outras tantas histórias, Revista Estudos Amazônicos, vol. VI, no 1, 2011: 21-40

Disponível em:

http://www.ufpa.br/pphist/estudosamazonicos/arquivos/artigos/1%20-%20VI%20-%202%20-%202011%20-%20Scheibe_Wolff.pdf Acesso em: 14/05/2014

_____, C. A Construção da Sustentabilidade nos Seringais em Crise: uma questão de gênero. Alto Juruá, Acre/Brasil:1912 a 1943. In Projeto História. N. 23. São Paulo: EDUC/FAPESP. nov. de 2001. p. 243-261.

Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10720> Acesso em: 20/05/2014

WOORTMAN. E. Família, Mulher e meio ambiente no seringal. In: GODOI, E. P. de e NIEMEYER, A. M. de (orgs.) Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos, Campinas: Mercado das Letras, 1998